
**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil**



Revista Cocar V.13. N. 27. Set./Dez./ 2019 p.554-573

ISSN: 2237-0315

**Acesso e permanência ao ensino superior das camadas populares na visão de
futuros professores**

*Access and permanence in higher education of the grassroots classes by the vision of
future teachers*

Dalete de Souza Salles Borges
Márcia Regina do Nascimento Sambugari
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS
Campo Grande – Mato Grosso do Sul - Brasil

Resumo

Nesse artigo aborda-se parte da pesquisa que investigou sobre o acesso e permanência ao Ensino Superior de jovens que foram beneficiários do Programa Bolsa Família (PBF), focalizando-se a influência da família e de professores em seus percursos de escolarização; a opção pela docência, bem como a relação do PBF nesse processo. Numa abordagem qualitativa, para a coleta de dados, realizou-se entrevista com ex-beneficiários do PBF, acadêmicos de cursos de Licenciatura de uma Instituição de Ensino Superior (IES) de Corumbá, Mato Grosso do Sul. A análise dos dados apontou o quanto o PBF contribuiu para melhorar as condições de vida desses sujeitos, pois, as famílias oportunizaram aos seus filhos maior tempo na escola, indo na contra mão de tudo que os próprios pais vivenciaram em sua própria trajetória escolar. O papel exercido pela IES com ações voltadas para a permanência na instituição foi um dos aspectos destacados pelos sujeitos, afirmando a necessidade de mecanismos que garantam a permanência desses jovens oriundos das camadas populares à universidade.

Palavras-chave: Ensino Superior. Bolsa Família. Formação de Professores.

Abstract

This article approaches part of the research that investigated about the access and permanence in Higher Education of young people, who are beneficiaries of the Bolsa Família Program (PBF), focusing on the influence of family and teachers on their schooling pathways; the option for teaching profession, as well as the relationship of the PBF in the process. Based on a qualitative approach, for data collection, an interview was carried out with PBF beneficiaries, undergraduate students of a Higher Education Institution (HEI) in Corumbá, Mato Grosso do Sul. An analysis of the data showed how the PBF has contributed to improve the living conditions of the beneficiaries, because families has given to their children opportunity to have more time in school, going to the opposite way of everything that their parents has lived in their educational path. The role played by the HEI with actions aimed at remaining, as one of the aspects highlighted by the individuals, stating the need for effective mechanisms to ensure the permanence of the young people from the grassroots classes to the university.

Keywords: Higher Education. Bolsa Família. Teacher Training.

Introdução

Investigar sobre acesso e permanência ao ensino superior das camadas populares não é algo novo, pois há vários estudos representativos no Brasil que abordam percursos de estudantes universitários de camadas populares ao ensino superior (SOUZA-SILVA, 2003; TEIXEIRA, SILVA, 2007; ZAGO, 2006, 2007, 2011). No entanto, o contato com essas pesquisas nos remeteu à problematização do quanto se faz necessário conhecer as reais condições da escolarização de alunos das camadas populares que estão conseguindo ultrapassar barreiras ao longo das trajetórias escolares, ingressar e permanecer nas universidades públicas, bem como conhecer as condições dadas aos estudantes para que os mesmos possam lograr êxito e superar suas condições iniciais de fracasso (ZAGO, 2007). Teixeira e Silva (2007) nos alertam que o acesso ao ensino superior para muitos jovens oriundos de camadas populares ainda é um desafio a ser alcançado e os que conseguem entrar na universidade “[...] representam o que a sociologia convencionou chamar de êxitos atípicos: o sucesso é obtido à custa de muito esforço, sofrimento, obstinação e “luta” contra o fatalismo de destinos sociais” (TEIXEIRA; SILVA, 2007, p. 10).

Foi sob esse olhar que a pesquisa aqui apresentada foi realizada, buscando investigar como jovens, ex-beneficiários do Programa Bolsa família (PBF), venceram essas dificuldades e chegaram a uma universidade pública. O PBF foi desenvolvido pelo Governo Federal com a finalidade em ajudar famílias que vivem em situação de pobreza e/ou extrema pobreza a superarem essa situação, tendo também como iniciativa estimular a geração de renda e a permanência das crianças na escola, a fim de criar condições de crescimento econômico e social a médio e longo prazo, pois muitas crianças desistem da escola para contribuir com a renda familiar.

As questões que nortearam esse estudo foram as seguintes: quem são os jovens que conseguiram escapar do círculo vicioso imposto pela sociedade e chegaram à universidade pública? O que pensam acerca da contribuição, ou não, do PBF, apesar das barreiras enfrentadas durante sua trajetória escolar? Quais as dificuldades enfrentadas? Qual o maior incentivador nessa trajetória?

O presente texto está organizado em três partes das quais primeiramente apresentamos como a pesquisa foi realizada, a fim de situarmos o caminho teórico-metodológico percorrido. Na segunda parte constam as discussões, a partir da análise das

trajetórias de escolarização dos sujeitos da pesquisa, acadêmicos de cursos de licenciatura de uma IES pública de Corumbá, MS, focalizando a influência da família e dos professores na escolarização e as estratégias utilizadas para se chegar à universidade pública. Também abordamos a percepção desses jovens a respeito do PBF, evidenciando em que medida o PBF auxiliou para a permanência na escola e para que os mesmos chegassem à universidade; o que mudou na família depois que passaram a receber o benefício. Por fim tecemos as nossas considerações finais.

Percurso teórico-metodológico da pesquisa

Numa abordagem qualitativa, para a seleção dos sujeitos, inicialmente foi realizado um levantamento a fim de identificar acadêmicos que foram ex-beneficiários do PBF e que estavam cursando o ensino superior em uma IES pública de Corumbá, MS no ano de 2016. Após esse levantamento e contato com os acadêmicos, três acadêmicos aceitaram participar da pesquisa: Maria, Fátima e João, identificados nesse estudo com nome fictício escolhido por eles próprios, a fim de mantermos o anonimato, em conformidade com o comitê de ética de pesquisa com seres humanos. Para tanto, contou com a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) aceitando participar da pesquisa.

Como instrumento para a coleta de dados, optamos pela realização de entrevista, com roteiro semiestruturado, por entendermos que a partir das verbalizações é possível identificarmos as concepções que orientam e contextualizam as ações de cada um, pois, conforme ressalta Severino (2007, p. 174), propicia a “[...] interação entre pesquisador e pesquisado. [...] O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam”.

Tomando-se como base a abordagem de Lahire (1998) acerca da importância do pesquisador conhecer os espaços no qual seus sujeitos estão inseridos, consultamos os sujeitos a possibilidade de realizarmos a entrevista em suas residências. Conforme destaca o autor, além de escutar suas histórias de vida por meio do relato oral, torna-se possível vivenciar de perto o lugar no qual cada um vive e, ainda, conhecer suas famílias. Dessa maneira, dois sujeitos permitiram a realização da entrevista em suas residências, propiciando uma investigação mais detalhada e enriquecedora e um dos sujeitos escolheu a universidade, não comprometendo a pesquisa, uma vez que era o local em sentia-se mais a vontade.

Acesso e permanência ao ensino superior das camadas populares na visão de futuros professores

Os dados foram organizados em dois eixos de análise, tendo no primeiro o agrupamento de informações relativas à situação pessoal e econômica (faixa etária, sexo, estado civil, naturalidade, mobilidade, autoclassificação da camada social); à situação familiar na infância (situação econômica e práticas culturais, condições de acesso e aquisição de bens e locais culturais do respondente em sua infância); à escolarização dos sujeitos (escolarização dos sujeitos na escola básica, tipo de dependência administrativa que estudaram: período, sistema; disciplinas que mais gostavam na escola; as que menos gostavam na escola e as que tinham dificuldades; entrada na universidade, escolha do curso de nível superior), e, por fim, à escolarização e profissão dos familiares (escolarização e profissão dos pais e avós paternos e maternos). No segundo eixo agrupamos os dados referentes à percepção dos sujeitos com relação às contribuições do PBF em sua trajetória escolar e acesso a universidade.

Para a análise desses dados tomamos como referência a perspectiva sociológica de Bourdieu (2002a, 2002b) para a composição das trajetórias de vida e de escolarização, e de Lahire (1998) quanto às singularidades presentes nesses percursos, cujos conceitos constam articulados na discussão dos dados a seguir.

As trajetórias de escolarização de Maria, João e Fátima e a relação do PBF nesse percurso

Com a realização do estudo foi possível conhecermos como três futuros professores, ex-beneficiários do PBF chegaram à universidade pública, e, embora oriundos de camadas populares, conseguiram ultrapassar as barreiras impostas pela lógica do fracasso escolar, sendo assim, considerados nesse estudo, a partir da perspectiva de Lahire (1998), como casos de sucesso escolar. A análise dos dados nos permitiu identificar algumas expressões que traduzem a trajetória de cada um dos sujeitos, quais sejam: indícios do capital cultural na trajetória de Maria; a escolarização frente aos desafios da vida no campo do João; e a presença materna no percurso escolar de sucesso da Fátima.

‘O que eu aprendesse era a única coisa que ninguém ia poder roubar’ - indícios do capital cultural na trajetória de Maria

A entrevista com a acadêmica Maria ocorreu em sua residência, num final da tarde, com a presença da sua mãe, sobrinhos, e irmãos e, quando surgia alguma dúvida em relação a datas perguntava à sua mãe que respondia prontamente. Esse contato foi

importante, pois, assim como aponta Lahire (1998), possibilita conhecer a dinâmica da família e compreender a fala dos sujeitos de maneira mais ampla. Ao final da entrevista, Maria convidou para conhecer como era sua casa, e, com expressão de orgulho mostrou a pequena biblioteca que estava montando na parte externa.

Ela possui 39 anos, mora em Corumbá, nasceu no estado do Paraná, é solteira e não tem filhos, sendo a mais velha de cinco irmãos, se autodenomina negra e considera-se pobre, embora avalie que a sua situação social e econômica atualmente seja bem melhor com relação à de seus pais quando era criança.

Eu considero minha família pobre, porque tem algumas coisas que a gente não consegue fazer, por exemplo, a gente começou a reforma dessa casa desde quando comprou ela. Até agora não conseguimos terminar. Uma reforma, se você entrar pela casa falta piso o banheiro falta tudo quase (Maria. entrevista).

Com relação às condições de acesso e aquisição de bens culturais em sua infância, Maria relatou que não tinha acesso a jogos, palavras cruzadas e não frequentava clubes, cinemas e bibliotecas, destacando que nem sabia o que era. A sua família não possuía condições financeiras para adquirir livros revistas e jogos. Moradora de zona rural, não existindo nada próximo, a sua família não tinha envolvimento com igreja ou grupos religiosos e seu contato os livros foi apenas a partir de sua entrada na escola.

Quanto a sua escolarização, Maria sempre estudou em escola pública, os primeiros anos do Ensino Fundamental ocorreram em salas multisseriadas junto aos seus irmãos. Quando foi para a 5ª série precisou retornar para a 4ª sem estar matriculada, pois não tinha mais escola perto de sua casa para dar continuidade, uma vez que esta atendia apenas os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para fazer a 5ª série ela precisou morar com uma família desconhecida e passou a estudar a noite, tendo muita dificuldade para conciliar os estudos porque tinha que estudar e trabalhar. A análise desse relato nos remeteu a Teixeira e Silva (2008), ao assinalarem que estudar e trabalhar configura-se em uma realidade na vida dos jovens de camadas populares, situação difícil para a obtenção de conquista escolar, já que para esses jovens é necessária a escolarização para o mercado de trabalho.

Ainda com relação à escolarização, Maria relatou que estudava um ano e precisava parar no ano posterior, pois voltava para o sítio com seus pais, permanecendo essa situação até a 7ª série quando foi morar com outra pessoa. Continuou seus estudos no

Acesso e permanência ao ensino superior das camadas populares na visão de futuros professores

período matutino e em outra escola, pois a noite cuidava de uma criança. Em seu depoimento, ela considerou essa fase como uma das piores experiências que teve em sua vida escolar, enfatizando não guardar lembranças dessa época.

Maria teve um percurso escolar de interrupções, ficando sem estudar por 11 anos e ao retomar os estudos seu pai, já era falecido. Depois desse tempo ela foi trabalhar com a mesma família que seus pais a tinham deixado quando saiu do sítio pela primeira vez. Cuidava de duas crianças durante o dia e estudava no período noturno. Em seu depoimento, ela considerou esse período de grande importância em sua vida, lembrando com carinho dos professores, diretores e colegas, por entender que foi uma das razões que a fez chegar à universidade.

Já estava onze anos sem estudar, peguei minha transferência, fiz minha matrícula [...] Fui tremendo, eu pensava: como vou copiar do quadro, eu não vou conseguir [...] Não foi isso que aconteceu. Eu voltei a noite no ensino regular, foi a melhor experiência, [...], de todas as escolas que eu estudei foi a melhor. Eu acho que foi o que me fez chegar à universidade (Maria. Entrevista).

Durante o Ensino Fundamental II (antiga 5ª a 8ª séries) Maria continuou seus estudos nessa mesma escola pública, na qual se deparou com várias dificuldades, mas permaneceu. No ensino médio ela nos relatou que foi ajudar uma professora com aulas de reforço e como ainda trabalhava como babá, ia para a escola muitas vezes com fome, já que nesse lugar que ela morava não ofereciam comida para ela. Quando chegava à escola comia a merenda escolar.

Só que nessa casa, não tinha comida, na casa que eu era babá. Eu ficava sem almoçar, aí chegava na escola, ia comer o lanche da escola, ia comer a merenda da escola. Aí quando, por exemplo, saía leite, eu sou intolerante a leite, ficava sem comer (Maria. Entrevista).

Quando Maria estava no último ano do Ensino Médio foi para Campo Grande com a mesma família para ser babá. Ficou na cidade por quatro meses e retornou a Corumbá para fazer a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Em seu percurso de escolarização, ela estudou a maior parte do tempo no período noturno, no sistema de ensino regular e gostava de todas as disciplinas, considerando-se uma boa aluna no ensino regular, apesar da timidez. Seus pais incentivaram o estudo, deixando-a ficar na cidade com outra família, mesmo que para isso precisasse trabalhar,

um investimento que não é fácil às famílias das camadas populares, conforme assinalam Teixeira e Silva (2008).

Durante sua trajetória de escolarização básica, Maria destacou que recebeu apoio e incentivo de vários professores para que ela chegasse à universidade, tendo a convicção de que terminaria os estudos apenas para melhorar sua condição de trabalho, mas nunca teria chance de chegar a uma universidade pública. Contudo, ela destacou que seus professores mostravam o contrário dizendo que ela poderia e deveria chegar, sim, ao ensino superior. Maria destacou, ainda, que seus colegas de escola também percebiam nela a oportunidade de se chegar ao ensino superior, pois sempre demonstrava muito esforço nos estudos. Isso retrata a importância que os professores e colegas de sala representaram em sua trajetória escolar, marcando-se de maneira significativa.

Embora não tenham concluído o Ensino Fundamental I (Anos Iniciais), Maria relatou que seus pais foram os incentivadores, pois, na medida do possível acompanhavam seus estudos, tendo na figura de seu pai, embora já falecido, como o maior incentivador nos estudos.

Meu pai sempre dizia que o que eu aprendesse era a única coisa que ninguém ia poder roubar, podia levar tudo, mas o que estava aqui dentro, o que eu tivesse aprendido não iam me levar (Maria. Entrevista).

A análise desse depoimento nos remeteu ao conceito ‘capital cultural’ de Bourdieu (2002a) que refere-se aos conhecimentos e referências culturais que as pessoas incorporam ao longo de seu percurso nos diferentes modos de socialização (família, vizinhança, clubes, igrejas, etc.), podendo existir em três estados: incorporado, objetivado e institucionalizado, e sua acumulação inicial “[...] começa desde a origem, sem atraso, sem perda de tempo, pelos membros das famílias dotadas de um forte capital cultural” (BOURDIEU, 2002a, p. 76).

Na perspectiva de Bourdieu (2002b), a herança familiar pode favorecer, ou não, o êxito no percurso escolar dos agentes, pois seu grau de comprometimento está relacionado à herança cultural da família. Segundo o autor, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, o *ethos* que consiste no “[...] sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar” (BOURDIEU, 2002b, p. 41-42). Assim, a importância dada aos estudos pelo pai de Maria pode ser analisada nessa ótica,

Acesso e permanência ao ensino superior das camadas populares na visão de futuros professores

pois de maneira indireta foi transmitindo a ela a importância do investimento pessoal nos estudos, que para Bourdieu (2002a):

[...] exige uma incorporação [...] (tal como o bronzamento, esta incorporação não pode efetuar-se por procuração). Sendo pessoal, o trabalho de aquisição é um trabalho do sujeito sobre si mesmo [...] é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da pessoa, um *habitus*. Aquele que o possui “pagou com sua própria pessoa” e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo (BOURDIEU, 2002a, p. 74-75, grifos do autor).

Com relação à escolha do curso de ensino superior, Maria escolheu Pedagogia como primeira opção, destacando que seu interesse surgiu quando atuou como auxiliar de uma professora com aulas de reforço em uma escola pública. O contato com uma pedagoga, que embora não falasse como era a sua profissão influenciou diretamente em sua escolha. Ela relatou que ganhou várias bolsas em universidades privadas, mas o seu desejo em estar em uma universidade pública não parou e, então, fez a prova do ENEM por três vezes. Como não tinha conhecimento, nem internet em sua casa, ela não conseguiu acompanhar sua classificação nas duas vezes em que realizou a prova. Na terceira, e última vez, no ano de 2013, Maria conseguiu entrar na universidade pelo sistema de cotas.

Segundo Segato (2004), o sistema de cotas é uma política afirmativa que visa possibilitar o acesso da população negra ao Ensino Superior, mecanismo legal com o objetivo de compensar a dívida histórica que nossa sociedade tem com os negros. Através do sistema de cotas, 20% das vagas são reservadas para estudantes que se autodeclararam negros. Vários estudos tem apontado a importância dessas políticas, bem como de ações que garantam o acesso da população em situação de vulnerabilidade social ao Ensino superior (SEGATO, 2004; SOUZA-SILVA, 2003). No entanto, é perceptível também a necessidade de mecanismos que garantam a permanência desses jovens oriundos das camadas populares à universidade. Dessa maneira, o percurso da Maria na universidade é marcado pelo recebimento de bolsas, conforme podemos constatar em seu depoimento, ao ser indagada se recebe, ou recebeu algum tipo de bolsa na universidade:

Recebo desde que entrei. Se não recebesse não daria conta de fazer. Eu recebi bolsa permanência no 1º ano, e no 2º ano PIBID. Até agora PIBID. O Bolsa permanência é uma assistência e o PIBID foi por mérito (Maria. Entrevista).

A análise desse relato aponta o quanto foi importante para a permanência da Maria que, no momento da entrevista cursava o 7º semestre, ressaltando que se não fossem as

bolsas (Permanência e Pibid), não conseguiria permanecer na universidade. A Bolsa Permanência a qual Maria se referiu consiste em repasse financeiro “[...] ao acadêmico em situação de vulnerabilidade socioeconômica, de forma a garantir a sua permanência na Universidade e contribuir para sua formação integral, buscando reduzir os índices de retenção e evasão decorrentes de dificuldades de ordem socioeconômica” (UFMS, 2015a, p. 15).

A outra bolsa refere-se ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) que busca contribuir com a formação inicial e continuada dos professores por meio da vivência dos bolsistas, alunos de cursos de Licenciaturas, nas escolas da Educação Básica por meio da articulação teoria e prática (MEDEIROS; PIRES, 2014). Diferentemente da Ação Permanência, a seleção do Pibid é por mérito através de edital de seleção, contudo, destacamos que, embora não seja uma ação diretamente voltada para a permanência do acadêmico, o programa contribui, pois o aluno envolvido recebe uma bolsa.

Maria nos relatou que é considerada com orgulho para a sua mãe e os seus irmãos que sempre tentam ajudá-la como podem com materiais que utiliza na universidade e, embora em alguns momentos distantes geograficamente, a sua família esteve sempre presente nesse processo. Com a análise da trajetória de sua escolarização até chegar à universidade foi possível verificarmos que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, ela conseguiu superar as dificuldades encontradas, alcançando o seu objetivo que era ingressar e permanecer em uma universidade pública, sendo a única dos irmãos a chegar ao ensino superior.

‘A gente chegou a passar por momentos severos’ - A escolarização frente aos desafios da vida no campo de João

João tem 21 anos, é solteiro, não tem filhos e mora com os pais e a irmã mais nova na zona rural de Corumbá, MS, cidade onde nasceu. Sua moradia é simples, ainda em construção, cercada de árvores e algumas poucas casas ao redor. A entrevista foi realizada em sua casa, sob a sombra de uma árvore, na presença de sua mãe e irmã que acompanharam enquanto conversávamos. Por muitas vezes, quando João relatava, emocionado, a sua trajetória de dificuldades enfrentadas e a importância dos pais para a sua conquista em chegar a uma universidade pública, foi possível verificarmos o semblante

Acesso e permanência ao ensino superior das camadas populares na visão de futuros professores

da mãe de extremo orgulho e satisfação por ver o filho vencendo e ultrapassando todas as dificuldades encontradas no caminho.

Seu pai é o principal provedor da família, mas ele relatou que ajuda a família com o dinheiro que recebe dos auxílios da universidade por meio das ações ‘bolsa permanência’ e ‘auxílio-alimentação’. O auxílio-alimentação refere-se a outra ação da universidade, assim como a bolsa permanência, visa atender “[...] acadêmicos em situação de vulnerabilidade socioeconômica, matriculados em curso de graduação, presencial, nos Câmpus da UFMS onde não existe Restaurante Universitário” (UFMS, 2015b, p. 1).

João considera que a situação da família melhorou em relação à sua infância, pois viviam da plantação e em tempos de seca não tinham o que vender na feira.

Antigamente a gente vivia da feira, tinha horta, plantava. Era um dinheiro por semana certo [...] Dava para fazer a compra da semana, arroz, feijão, carne, alguma coisa. Nem toda semana podia, porque tem época que a horta não dá, né, em tempos de seca que a horta não produz. Então a gente chegou a passar por momentos severos (João. Entrevista).

Com relação às condições de acesso e aquisição de bens culturais em sua infância, João informou que tinha acesso aos livros somente na escola e quando tinha a oportunidade de brincar com jogos eram os professores que proporcionavam no ambiente escolar. A leitura era proporcionada principalmente na igreja, pois participava com a família de um grupo religioso, o pastor frequentava sua casa e fazia cultos evangélicos. Depois de um tempo a família começou a frequentar uma igreja perto de sua casa. Em sua infância ele gostava de ler a bíblia e decorar os versículos, cujo prêmio era doce que ganhava quando acertava. A sua família não frequentava bibliotecas e não tinha condições financeiras de frequentar clubes, comprar livros ou jogos. Quando aconteciam os passeios para exposições eram propostas pelos professores, na escola.

João estudou o Ensino Fundamental (I e II) na zona rural perto da sua casa e quando foi fazer o Ensino Médio precisou trocar de escola, continuando a escolarização na área rural. Entretanto, para chegar à escola precisava pegar um ônibus que passava três vezes por semana na porta de sua casa e levava para escola também na área rural, nos relatando a importância de se valorizar os estudos.

[...] Eu tinha consciência, a gente vem de tão longe para estudar, o ônibus vem de tão longe busca a gente, professores saem lá da cidade para dar aula pra gente, então tenho que ter o respeito (João. Entrevista).

Na escola gostava muito da disciplina de Matemática, sendo destaque da turma quando realizava as atividades, e apresentava dificuldades em Língua Portuguesa e Literatura. Nunca ficou retido, era aplicado nos estudos, prestava atenção nas explicações e tirava as dúvidas em sala de aula, valorizava os estudos, pois sabia que para estar ali dependia de muito sacrifício. A análise desses dados nos permite verificar que desde sua escolarização João gostava da disciplina na qual optou fazer o curso superior: a Matemática e confirma o que Valle (2006) verificou em seu estudo, que a escolha de uma profissão é como o “[...] resultado de uma combinação entre a representação que o indivíduo tem de si e a experiência vivida” (VALLE, 2006, p. 183).

Apesar terem pouca escolarização, os pais de João sempre fizeram questão de acompanhar o aprendizado no filho na escola, conforme podemos verificar no depoimento a seguir, confirmando o alerta de Lahire (1998) acerca da necessidade de verificarmos, enquanto pesquisadores, as singularidades presentes nas famílias, e o significado do estudo atribuído e filtrado pelos sujeitos.

Meus pais não tem muito estudo. Então eles não podiam ver, ou não, se a lição estava tudo ok, tudo certinho. Só que do meu pai e da minha mãe sempre houve cobrança. Meu pai sempre disse assim: não quero que você passe por aquilo que eu passei, porque se hoje estou assim não tive estudo, não tive condições de estudar, agora hoje o ônibus vem e passa na porta de casa aqui. Pra você ver, passa na porta mesmo. E se você não for estudar, isso aí vai ser uma culpa sua. Porque ele dizia assim: eu não tive condições, mas você tem hoje, então se você tem essa condição, que vem aqui, dá uma chance e você não faz é porque realmente você não quer (João. Entrevista).

Além dos pais, João contava com a preocupação de uma tia que se interessava pela sua rotina escolar. Seus professores também contribuíram durante a sua trajetória escolar. João mencionou um professor com muito carinho, que esteve sempre disposto a ajudá-lo e trazia, além dos materiais que utilizava em sala, outros que contribuíram na aprendizagem.

Ele falava: eu tenho isso aqui. Ele trazia livros de exercícios a mais para mim fazer. Ele era de Matemática e Física... Trazia atividade de raciocínio lógico, uma coisa a mais. Eu sempre perguntava o que tem a mais pra mim? Eu queria ir além (João. Entrevista).

A presença dos pais foi marcante na vida do João, seus maiores incentivadores durante sua trajetória. João também recebeu o apoio de uma coordenadora pedagógica quando estava no Ensino Médio, que para auxiliar os alunos promovia simulados e falava a

Acesso e permanência ao ensino superior das camadas populares na visão de futuros professores

respeito da universidade, salientando que todos podiam e deveriam chegar ao um curso superior, inclusive oriundos do campo:

Quando ela ia falar, batia muito nesse ponto. Não é porque vocês estão aqui em [...] que vocês não têm chance de cursar a universidade (João. Entrevista).

O percurso de João na Educação Básica foi marcado por dificuldades e muitos desafios, mas, foi possível verificarmos que ele não desistiu, pois seu objetivo maior era chegar à universidade pública. Então ele se inscreveu para fazer o ENEM no ano do Ensino Médio e aguardava ansioso pelo resultado. Sua primeira opção de curso foi Ciências Contábeis e a segunda Matemática. Foi chamado para Matemática, fez a matrícula e hoje está bem satisfeito com sua escolha. Ele conseguiu entrar em um curso superior, mas ainda precisava superar outro obstáculo: a permanência na universidade. No início do ano letivo já começou a enfrentar dificuldades, precisou ficar na casa dos tios durante a semana para poder estudar, não tinha dinheiro para os materiais necessários e também em relação aprendizagem dos conteúdos. Como suas aulas no ensino médio ocorriam três vezes na semana, João teve muita dificuldade em assimilar os assuntos.

Quando eu cheguei no curso foi muito difícil pra mim, o 1º semestre foi o mais difícil, até porque naquela época meu país estava sem emprego e eu sem bolsa, sem nada, eu passei quatro meses na faculdade vivendo no extremo mesmo (João. Entrevista).

Com tantas dificuldades João pensou em desistir do curso, mas relata que no segundo semestre sua situação foi melhorando, pois começou a receber o auxílio Bolsa Permanência, seu pai já estava trabalhando o que facilitou a dedicação para os estudos. No momento da entrevista relatou que estava concluindo o curso e pretendia trabalhar na área. Também destacou que estava se organizando para fazer a prova para seleção de Mestrado em Matemática Aplicada em uma cidade do interior do Paraná.

A análise dessa realidade vivenciada por João nos remete a Zago (2007) ao ressaltar que os jovens vindos das camadas populares vivenciam várias dificuldades em suas vidas, mas os sonhos e objetivos traçados fazem com que superem as barreiras das desigualdades educacionais.

‘Minha mãe sempre olhava o meu caderno’: a presença materna como marca do percurso escolar de sucesso de Fátima

A entrevista com a Fátima foi realizada em uma sala da universidade, conforme sua solicitação. Com 20 anos de idade, nascida em Corumbá, ela nos informou que mora em Ladário, MS, é solteira, não tem filhos, sendo a mais velha de duas irmãs. Considera-se pobre e autodenominou-se parda. Seus pais atualmente possuem casa própria, de alvenaria. Com relação às condições de acesso e aquisição de bens culturais em sua infância, Fátima relata que não teve acesso a livros em casa, apenas dentro da escola, não brincava com jogos ou palavras cruzadas, sua família não tinha condições financeiras de frequentar cinemas ou teatros, mas frequentava uma biblioteca pública próxima da sua casa. Relatou também que seus pais sempre a levavam à igreja.

Quanto à sua trajetória escolar na Educação Básica, Fátima sempre estudou em escola pública, no período matutino, no ensino regular. Gostava das disciplinas de Ciências e Biologia, tendo facilidade nessas disciplinas e não gostava e apresentava dificuldades em Matemática e Física. Seus pais eram exigentes em relação às notas, e apresentou dificuldade no Ensino Médio, o que levou sua mãe conversar com os professores vendo a possibilidade da melhor forma de ajudar em seu desempenho escolar. Ela nunca ficou retida e se considerou uma boa aluna, buscando sempre obter boas notas.

Na Educação Básica, a mãe sempre esteve presente se preocupando diretamente com os estudos, ajudava olhando os cadernos e ia sempre à escola. Matriculou a filha em um cursinho pré-vestibular no Ensino Médio, almejando seu ingresso em uma universidade, sendo sua maior incentivadora na trajetória escolar. “Minha mãe sempre olhava meu caderno, no ensino médio me matriculou no cursinho da escola, pra eu poder prestar vestibular” (Fátima. Entrevista).

A análise desse depoimento nos remete ao que Souza-Silva (2003) constatou em sua pesquisa acerca do sucesso escolar de estudantes oriundos de camadas populares, destacando que a presença das mães na família contribui na trajetória dos filhos, entretanto, embora a base material desse apoio fosse fornecida pelos pais, cabia sempre à mãe a responsabilidade direta pela vida escolar.

Com relação à escolarização de seus pais, verificamos que, diferentemente dos demais sujeitos, os pais de Fátima conseguiram frequentar a escola por um período maior de tempo, seu pai estudou até a 8ª série do Ensino Fundamental e a mãe terminou o Ensino Médio. Ela relatou, ainda, que sua avó materna fez Magistério, o pai é mecânico autônomo

Acesso e permanência ao ensino superior das camadas populares na visão de futuros professores

e sua mãe atualmente está desempregada, mas já trabalhou como recepcionista e balconista.

Quanto ao acesso ao ensino superior, apesar de acreditar que tenha sido boa aluna na Educação Básica, ela não considera que sua entrada na universidade tenha sido fácil, pois não passou na primeira chamada do ENEM. Mas, para não desistir de seu sonho de realizar um curso superior foi para uma instituição privada a distância, porém, no mesmo ano foi selecionada na terceira chamada e começou a fazer seu curso de graduação em uma universidade pública.

Assim como os outros sujeitos, Fátima também recebeu bolsa durante o seu curso, contribuindo para a sua permanência na universidade. No momento da entrevista nos relatou que era bolsista 'Vale universidade', um programa do governo do Estado de Mato Grosso do Sul, em parceria com as universidades, coordenado pela Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho, que tem como finalidade conceder bolsa ao acadêmico de baixa renda.

O PBF no percurso de escolarização de Maria, João e Fátima

Com a análise dos depoimentos dos sujeitos desse estudo foi possível verificarmos que todos acreditam que o PBF contribuiu para a entrada na universidade pública, pois o benefício possibilitou a permanência dos mesmos na escola básica. Fátima e João acreditam que se não fosse o benefício, precisariam ajudar os pais na renda da família:

Sim, eu acredito que tenha contribuído bastante, até porque era só meu pai que trabalhava em casa, minha mãe nunca trabalhou, então ajudou bastante principalmente a minha irmã. Ajudou bastante na despesa pra que eu pudesse estar estudando (Fátima. Entrevista).

[...] Ajudou muito sim. [...] A gente chegou num tempo, de pegar a bolsa pra comprar arroz, feijão, alguma carne. Contribuiu muito (João. Entrevista).

Maria sempre trabalhou para ajudar a família, quando sua mãe começou a receber o benefício conseguiu estudar com mais tranquilidade.

Eu acho que contribuiu porque eu parei de ajudar a minha mãe, porque eu sempre trabalhei pra ajudar a minha mãe. Eu trabalhava porque minha mãe não tinha renda. Quando meu pai morreu, eu tinha 17 e meus irmãos todos eram menores que eu. E depois de um tempo ela recebia a pensão dele, mas era um salário para cinco pessoas. Eu lembro quando minha mãe ia fazer compra do mês, ela comprava mais de um fardo de arroz, ela não pegava um pacotinho, ela pegava um fardo e não dava para o final do mês. Era um fardo e um saco de farinha de trigo e o salário ia tudo ali (Maria. Entrevista).

Pellegrina (2011) em suas pesquisas encontrou evidências de que o recebimento do benefício diminui o abandono escolar e aumenta a frequência. O aumento da frequência ocorre, pois uma das condicionalidades é que os beneficiários tenham presença mínima de 85%, com a frequência o aluno estando em sala de aula poderia melhorar seu desempenho escolar. Quando a família desses jovens começou a receber o benefício, logo sentiram a mudança na rotina da casa, contribuiu para alimentação, para comprar de materiais e até mesmo para socialização com a comunidade do bairro. Resende e Oliveira (2008) também ressaltam que essa renda contribuir no desempenho escolar por meio da melhora nutricional das crianças, pois quando as crianças frequentam a escola com fome seu rendimento pode cair grandemente.

Em pesquisa realizada no município de município de São Bentinho, no estado de Paraíba, Sá e Silva (2011) apontam melhorias significativas na vida das famílias beneficiadas, principalmente na área de alimentação, destacando que o dinheiro contribui no aumento de dias em que as famílias podem ter os alimentos, assim como na variedade nutricional das refeições.

Assim como evidenciado nas outras pesquisas, para Maria, João e Fátima também houve mudanças em suas vidas após o recebimento do benefício, possibilitando às suas famílias condições melhores para alimentação, ajuda na compra de materiais escolares e participações em oficinas desenvolvidas pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Como evidencia Maria em seu relato, moradora da área rural, o dinheiro ajudou a família com a alimentação, pois para completar a renda a mãe precisava vender o que colhia da roça.

O que mudou foi com relação à alimentação, porque antes a gente não tinha, não era tanto. Eu lembro da minha mãe vendendo na rua pra fazer compra pro mês. Então ela vendia todo dia, meu irmão fazia a feira com meu irmão, vendia cebolinha, fazia na feira (Maria. Entrevista).

No caso da Fátima, a mesma iniciou atividades no CRAS do seu bairro, o que possibilitou a interação com outras pessoas.

Eu lembro que quando minha mãe ficou sabendo, foi um tio meu que trabalha no CRAS e avisou que meu nome “tava” lá eu tinha que me envolver assim bastante em ações que eles promoviam lá, em curso, na época tinha Pro Jovem, então antes desse benefício eu não participava de nada só ficava em casa. Aí depois que minha mãe começou a ganhar esse benefício eu comecei a participar (Fátima. Entrevista).

Acesso e permanência ao ensino superior das camadas populares na visão de futuros professores

João relata que o PBF contribuiu principalmente na aquisição de materiais escolares. A família esperava por esse dinheiro para poder adquirir os materiais para iniciar o ano letivo. João ainda menciona a visão estereotipada que algumas pessoas tem a respeito do programa, destacando que sua família utilizava para obter os materiais escolares para poder frequentar a escola.

Hoje em dia as pessoas tem uma visão muito ruim do Bolsa Família, fala que todo mundo que recebe bolsa família usa para bebida, é bolsa isso, é bolsa droga, não é bem assim. Eu acho que ninguém deveria falar todo mundo né? Ajudou muito sim, pra comprar material escolar, tipo assim. Minha mãe é testemunha de que quando chegava janeiro, a gente esperava chegar o dia de receber o bolsa família, eu ia com ela pra comprar o material escolar (João. Entrevista).

A análise dos percursos desses três acadêmicos indica, portanto, que o PBF vem contribuindo para permanência de alunos de origem popular na escola, reduzindo a evasão dos alunos que saem das escolas para contribuir com a renda da família. Para que essas famílias possam receber o benefício precisam cumprir as condicionalidades exigidas e a frequência escolar é uma delas, o que tem garantido a presença dos alunos, principalmente das camadas menos favorecidas na escola. Para os sujeitos dessa pesquisa, o Programa cumpriu o seu papel para que os mesmos permanecessem na escola e continua contribuindo com os que mais necessitam.

Acredito que ajuda muito, porque eu já trabalhei em escolas nessa minha trajetória aqui na universidade, eu percebo que hoje as escolas trazem mais esses pais pra dentro da escola, tem um olhar a mais pra eles. Acredito que não tem mais aquele olhar rotulador pra crianças (Fátima. Entrevista).

Contribuiu sim, sempre no começo do ano os professores costumam passar uma listinha, pra essa aula você precisa disso, régua, lápis de cor. Esse dinheiro a gente usava pra isso mesmo, comprar material escolar, mochila, alguma coisa que a gente estava precisando (João. Entrevista).

Uma das condicionalidades do PBF para a garantia do benefício é a frequência escolar, esta ajudou diminuir o número da evasão dos estudantes nas escolas. Entretanto, os entrevistados acreditam que essa condicionalidade não é suficiente para contribuir com o melhor desempenho escolar dos alunos.

Acho que não favorece, o melhor aprendizado não, às vezes ele vai só para estar presente. Às vezes ele está dentro da escola e se você perguntar o que o professor passou ele não vai saber (Maria. Entrevista).

Eu acredito que além da questão da frequência do aluno da escola, acho que nada mais além da conversa, do que a escola tem que acolher tanto os pais quanto os filhos, tem que ter um olhar diferenciador. Você ouve não dentro da escola mais fora, essa criança só vai para receber o benefício, isso tem que mudar (Fátima. Entrevista).

Então, depende muito do aluno. Eu acho que tinha que ter como a gente tem na faculdade. Na faculdade se você fica de mais de duas matérias é chamado pra uma entrevista. Eu penso que seria nesse nível assim, o aluno vai na escola para estudar, nada mais do que isso. Se houvesse essa cobrança, tipo assim se o aluno faz oito matérias, se ele ficar pendente de mais de duas, chama aqui pra acompanhamento. Isso até força o aluno a estudar mais (João. Entrevista).

Os sujeitos deste estudo acreditam que o programa contribui diretamente para a melhoria na qualidade da Educação. Maria relata sua experiência, precisou sair de casa para poder estudar e com a morte do pai, precisou ajudar a família com a renda. Depois que sua família começou a receber o benefício, conseguiu prosseguir com os estudos e suas irmãs puderam frequentar a escola sem a necessidade de trabalhar, o que facilitou o desenvolvimento escolar.

Acho que contribui, porque tira a criança do trabalho, foi isso que aconteceu aqui em casa, tanto que as minhas irmãs mais novas nunca trabalharam em casa de família. As minhas duas irmãs terminaram na idade certa, nunca ficaram de exame (Maria. Entrevista).

Fátima, também acredita que o PBF contribui diretamente com a educação, pois acredita que aqueles que não estiverem recebendo esse dinheiro terão que ajudar a família para completar a renda. Já João ressalta a necessidade de um comprometimento pessoal nesse processo.

Acredito que sim, são fatores que são desenvolvidos na ajuda financeira, que se não tivesse dentro da escola, talvez estaria trabalhando pra ajudar. Acredito que ajuda sim diretamente (Fátima. Entrevista).

Contribui, mas depende do aluno, se ele vai saber aproveitar. Depois que eu terminar quero continuar na área, seja pra dar aula na escola e na faculdade (João. Entrevista).

Com a análise desses depoimentos ficou constatado o quanto o PBF foi de suma importância na vida escolar desses futuros professores, pois contribuiu para que os mesmos permanecessem na escola; possibilitou a aquisição de materiais escolares necessários; ajudou as famílias na compra de alimentos necessários para o dia-a-dia e, conseqüentemente, colaborou para que tivessem acesso a uma universidade pública.

Acesso e permanência ao ensino superior das camadas populares na visão de futuros professores

Ficou explícito, portanto, com as análises, que as políticas sociais de transferência de renda têm colaborado para a redução das desigualdades da população que se encontra em situação de vulnerabilidade, principalmente dado o baixo investimento em capital escolar.

Considerações Finais

A realização desse estudo nos permitiu conhecer o percurso e estratégias que três futuros professores percorreram e traçaram para conseguirem entrar em uma universidade pública, e de que maneira o auxílio do PBF contribuiu, ou não, nesse processo. No contato com estudos sobre essa temática foi possível verificarmos que no Brasil existem milhões de ‘Marias’, ‘Joãos’ e ‘Fátimas’ que enfrentam dificuldades em seu dia-a-dia para permanecerem nas escolas, que lutam para conseguir romper a barreira da pobreza e mudar de vida.

Tomando-se a perspectiva teórica de Lahire (1998), podemos considerá-los como casos de sucesso, pois conseguiram romper as redes da meritocracia, do preconceito e adentrar a uma universidade pública. São trajetórias marcadas por lutas, dificuldades, que nos leva a reafirmar a necessidade dos cursos de formação inicial de professores não ignorarem esses referenciais iniciais que os acadêmicos trazem de seus percursos, pois não basta apenas o acesso, mas sim, a garantia de permanência desses sujeitos. Nessa direção, vale destacar a presença de ações na universidade que possibilitam a permanência na universidade a partir da Bolsa Permanência, Auxílio-alimentação, o Vale Universidade e o próprio Pibid. Tais ações foram importantes para a permanência dos sujeitos em seus respectivos cursos, reafirmando a necessidade de mecanismos que garantam a permanência desses jovens oriundos das camadas populares à universidade.

Referências

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2002a, p. 73-79.

_____. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In NOGUEIRA, M. A. N; CATANI, A. (Org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2002b, p. 39-64.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1998.

MEDEIROS, J. L.; PIRES, L. L. A. O Pibid no bojo das políticas educacionais de formação de professores. **Cadernos de pesquisa**. São Luís, v. 21, n.2, p. 1-13 mai/ago, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/2571/1567>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

PELLEGRINA, H. S. **Impactos de curto prazo do programa bolsa família sobre o abandono e o desempenho escolar do alunado paulista**. 2011. 103p. Dissertação (Mestrado em Economia) - Faculdade de Administração, Economia e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12138/tde-26092011-165149/pt-br.php>>. Acesso em: 20 out. 2017.

RESENDE, A.; OLIVEIRA, A. Avaliando resultados de um programa de transferência de renda: o impacto do Bolsa-Escola sobre os gastos das famílias brasileiras. **Estudos Econômicos**. São Paulo, v. 38, n. 2, p. 235-265, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ee/v38n2/a02v38n2.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017.

SÁ, M. O. L.; SILVA, L. B. **Uma análise da aplicação do Programa Bolsa Família (PBF) no município de São Bentinho-PB**. 25 p. Monografia (Especialização em Gestão pública municipal) – Universidade Federal da Paraíba, Universidade Aberta do Brasil, 2011. Disponível em: <http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/uma_analise_da_aplicacao_do_programa_bolsa_familia_no_municapio_de_sao_bentinho_a_pb_1343830792.pdf>. Acesso em: 20 out. 2017.

SEGATO, R. Você é a favor da cota para negros? Sim. **Correio Braziliense**. Brasília, 18 abr. 2004.

SEVERINO, J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA-SILVA, J. **Por que uns e não outros?** Caminhada de jovens pobres para a universidade. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

TEIXEIRA, A. M. F.; SILVA, V. A. Jovens universitários de origem popular: alterando percursos. **Anais da 30ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação**. Caxambu: Anped, 2007, p. 1-15. Disponível em: <<http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/anped4.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017.

_____. Os jovens entre as certezas e incertezas: dilemas da relação educação e trabalho na sociedade contemporânea. In: CRUZ, M.H.S. **Pluralidade de saberes e territórios de pesquisa em educação sob múltiplos olhares dos sujeitos investigadores/organização**. São Cristóvão: Editora UFS, 2008.

UFMS. Resolução n. 4, de 2 de fevereiro de 2015. Regulamento da Ação Bolsa Permanência da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, nos termos desta Resolução. **Boletim de Serviço da UFMS**. Campo Grande: UFMS, n. 5975, de 09/02/2015, p. 14-20, 2015.

_____. Resolução n. 6, de 6 de fevereiro de 2015. Regulamento da Ação Auxílio-Alimentação da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, nos termos desta

Acesso e permanência ao ensino superior das camadas populares na visão de futuros professores

Resolução. **Boletim de Serviço da UFMS**. Campo Grande: UFMS, n. 5976, de 10/02/2015, p. 1-3, 2015.

VALLE, I. R. Carreira do magistério: uma escolha profissional deliberada? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 87, n. 216, p. 178-187, mai/ago, 2006. Disponível em <<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/32/34>>. Acesso em: 20 out. 2017.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32 maio, ago., p. 226-370, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a03v11n32.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017.

_____. Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Org). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 17-43.

_____. Fracasso e sucesso escolar no contexto das relações família e escola: questionamentos e tendências em sociologia da educação. **Sociologia da Educação** - revista luso brasileira, ano 2, n. 3, p. 57-83, março, 2011. Disponível em <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/17155/17155.PDFXXvmi=>>>. Acesso em: 20 out. 2017.

Sobre as autoras

Dalete de Souza Salles Borges

Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação do Campus do Pantanal (CPAN), da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdades Sociais, pela UFMS.

E-mail: dalete_salles@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9736-3689>

Márcia Regina do Nascimento Sambugari

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora Associada I da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS).

E-mail: marcia.sambugari@ufms.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4671-2102>

Recebido em: 08/03/2019

Aceito para publicação em: 05/05/2019